

# LINGUAGEM E DIALOGISMO: PRESSUPOSTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

## LANGUAGE AND DIALOGISM: THEORETICAL- METHODOLOGICAL PRINCIPLES FOR EDUCATIONAL RESEARCH

Patrícia Alves da Costa Ramos  
(Universidade Estadual de Goiás)

Wesley Luis Carvalhaes  
(Universidade Estadual de Goiás)

Made Júnior Miranda  
(Universidade Estadual de Goiás)

**Resumo:** O presente artigo partiu de uma proposta da disciplina “Pesquisa em Educação”, ministrada pelos professores Dr. Made Júnior Miranda e Dra. Simone de Magalhães Vieira Barcelos, cursada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Inhumas (PPGE-UEG/Inhumas), no segundo semestre de 2023. De cunho teórico-bibliográfico, estrutura-se em uma única seção e fundamenta-se, principalmente em Bakhtin (2003, 2010), Bakhtin e Volochínov (2010) Bagatini (2018), Brait (2005, 2006) e Fiorin (2011). O artigo propõe uma análise discursiva ancorada nos pressupostos de Bakhtin e de teóricos de seu círculo como uma abordagem teórico-metodológica para investigações na área da educação. Destaca-se a natureza qualitativa e interpretativa dessa abordagem, que examina as relações entre o uso da linguagem e o contexto sócio-histórico e cultural. Ao refletir sobre a construção de uma epistemologia em ciências humanas, baseada na filosofia da linguagem de Bakhtin, o texto enfatiza a centralidade do sujeito expressivo e falante como objeto de estudo. A metodologia da Análise Dialógica do Discurso é explorada, considerando conceitos como língua, linguagem, interação verbal, sujeito, enunciado, dialogismo e texto.

**Palavras-chave:** Dialogismo. Bakhtin. Pesquisa em Educação.

**Abstract:** This article was born from a proposal made on the subject “Educational Research”, conducted by Professors Dr. Made Júnior Miranda and Dr. Simone de Magalhães Vieira Barcelos, at the Program of Graduate Studies in Education of Goiás State University, academic unity of Inhumas (PPGE-UEG/Inhumas), on the second semester of 2023. Being of a theoretical-bibliographical nature, it is structured on a single section and is based upon Bakhtin (2002, 2005, 2006, 2010), Bagatini (2018), Brait (2005, 2006) e Fiorin (2011). The article proposes a discursive analysis anchored on principles of Bakhtin and of those theorists of his circle as a theoretical-methodological approach for research on the educational field. The qualitative and interpretative nature of this approach is highlighted, examining the relations between the use of language and the socio-historical and cultural context. Reflecting upon the construction of a human sciences epistemology, based upon Bakhtin’s philosophy of language, the text emphasizes the centrality of the expressive and talking subject as a study object. The methodology of the Dialogical Analysis of Discourse is explored, considering concepts such as idiom, language, verbal interaction, subject, enunciation, dialogism and text.

**Keywords:** Dialogism. Bakhtin. Research in Education.

## Introdução

Os estudos dialógicos advêm de um campo de pesquisa qualitativo e interpretativo que examina e investiga as relações entre o uso da linguagem em relação ao contexto sócio-histórico e cultural. É uma abordagem linguística que considera a língua em sua dinamicidade, na relação com a exterioridade. O foco está na compreensão de como os usuários da língua utilizam estruturas linguísticas, léxico e campos semânticos para criar relações dialógicas e comunicar. Essa abordagem é aplicada em diversas áreas, incluindo a linguística, a sociologia, a antropologia e a psicologia.

Os pesquisadores desse campo utilizam abordagens principalmente qualitativas para analisar textos e discursos, enfatizando a ideologia e o contexto sócio-histórico em que os discursos são produzidos. Ao assentir que a língua não pode ser separada do contexto social, ideológico e cultural em que é usada, o dialogismo reconhece a indissociabilidade entre linguagem e contexto e contribui para a compreensão mais profunda das interações humanas por meio da linguagem.

O presente artigo intenciona tratar o dialogismo como abordagem teórico-metodológica, ancorada nos pressupostos de Bakhtin (2003, 2010), de Bakhtin e de Volochínov (2010) e de outros teóricos do denominado Círculo de Bakhtin, com o intuito de demonstrar de que modo essa abordagem contribui para pesquisas na área da educação. É importante entender que os textos do Círculo de Bakhtin contribuem de maneira significativa para os estudos da linguagem, oferecendo reflexões que nos permitem compreender, entre outros aspectos, a natureza da comunicação humana e suas implicações sociais, culturais e políticas. Portanto, não se busca, neste artigo, construir uma teoria, senão apresentar uma “proposta dialógica diante do corpus discursivo, da metodologia e do pesquisador” (Brait, 2006, p. 29).

Ao assumir a reflexão sobre a construção de uma epistemologia em ciências humanas embasada na filosofia da linguagem sustentada por Mikhail Bakhtin e por Valentin Volochínov, estamos propondo a reflexão sobre o objeto de estudo que orienta as pesquisas nessa área e sobre o método que organiza as investigações. Para Bakhtin (2003), o objeto de estudo das ciências humanas é “*o ser expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (Bakhtin, 2003, p. 395, grifos do autor). Essa compreensão sugere que, para estudar a linguagem e sua expressão dinâmica, é imperioso direcionar a atenção ao sujeito que planeja, projeta, organiza e expressa seu discurso por meio

de textos. Se é nas manifestações linguísticas que o sujeito se revela, será sempre influenciado pela situação de interação em que está envolvido.

“Independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida” (Bakhtin, 2003, p. 308). Tendo o texto-enunciado como ponto de partida para a pesquisa em educação, como área das ciências humanas, a atenção é direcionada aos sujeitos que, em um determinado contexto sócio-histórico e ideológico, fundamentam suas intenções enunciativas, validando o processo discursivo que se instaura na atividade comunicativa. Portanto, não se pode desvincular o estudo das condições em que o texto-enunciado foi produzido, considerando o papel social de cada sujeito e a realidade que o circunda.

Para compreender a metodologia de estudo da língua a partir do dialogismo, além de historicizar a vida e obra de Bakhtin, procuraremos explorar as noções propostas em suas obras, a saber: língua, linguagem, interação verbal, sujeito, enunciado, dialogismo e texto.

## **Desenvolvimento**

Antes de tecer aprofundamentos sobre os pressupostos bakhtinianos como uma abordagem teórico-metodológica para a pesquisa em ciências humanas, e em nosso caso, para a educação, consideramos importante apresentar alguns dados sobre o Círculo de Bakhtin. Segundo Faraco (2009), o círculo era um grupo de intelectuais (boa parte nascida por volta do final do século XIX) que se reunia regularmente de 1919 a 1929, primeiro em Nevel e Vitebsk e, depois, em São Petersburgo (à época rebatizada de Leningrado). O grupo era constituído por pessoas de diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais. Seus componentes eram o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o professor e estudioso de literatura Lev V. Pumpianski, o filósofo Pavel N. Medvedev, o músico, linguista, filósofo e crítico literário Valentin N. Volóchinov, e o que vai nos interessar mais de perto: Mikhail M. Bakhtin, cujo nome foi dado ao grupo de estudiosos.

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin nasceu no dia 16 de novembro de 1895 em Orel, uma pequena cidade ao sul de Moscou. Era filho de um empregado de um banco, de uma família aristocrática em decadência. Aos nove anos, mudou-se com a família para Vilna, capital da Lituânia, uma cidade caracterizada por múltiplas línguas, diferentes grupos étnicos e diversas classes sociais. Em Vilna, falavam-se, por exemplo, o polonês, o lituano, o iídiche,

proporcionando a Bakhtin uma vivência com a poliglossia<sup>1</sup> desde muito jovem. Aos 15 anos, mudou-se para Odessa, cidade também marcada pelo plurilinguismo, com uma forte influência judaica. Foi lá que ele iniciou seus estudos universitários. Após um ano, transferiu-se para a Universidade de São Petersburgo, onde se matriculou no Departamento de Letras Clássicas, graduando-se em História e Filologia.

Como grande parte dos intelectuais de sua geração, apoiou a Revolução de 1917. Entre 1918 e 1920, foi professor em Nevel, onde criou um círculo de amigos, que mais tarde ficou conhecido como Círculo de Bakhtin. De 1920 a 1924, viveu em Vitebsk, cidade considerada um importante centro cultural, imortalizada na obra de Marc Chagal, o comissário local para as Artes e fundador da Academia de Artes. Bakhtin continuou a ensinar em Vitebsk.

Em 1921, Bakhtin casou-se com Elena Aleksandrovna Okolóvitch, sua companheira até a morte, em 1971. Nesse mesmo ano, foi atingido por uma enfermidade óssea, uma osteomielite crônica, que o levará, em 1938, a amputar uma perna. Durante seu tempo em Vitebsk, publicou seu primeiro ensaio, “Arte e Responsabilidade,” explorando as relações entre formas artísticas e a vida social. Por questões de saúde, mudou-se para Leningrado em 1924, onde, desempregado, sobreviveu com um auxílio-doença. Apesar das dificuldades financeiras, continuou escrevendo. Entre 1924 e 1929, publicou quatro trabalhos significativos: *O método formal nos estudos literários*, *Discurso na vida e discurso na arte*, *Freudismo: uma crítica marxista*, e *Marxismo e filosofia da linguagem*, este último em parceria com Volochínov.<sup>2</sup> Em Leningrado, não era reconhecido nos círculos intelectuais oficiais. Porém, apesar das limitações de reconhecimento, essa foi uma importante fase para o desenvolvimento de suas teorias.

Em 1929, Bakhtin foi preso e condenado a cinco anos de trabalhos forçados em um campo de concentração em Solóvki. As razões exatas para sua condenação não são totalmente conhecidas, mas alguns autores sugerem que pode ter sido pelas suas relações com a Igreja Ortodoxa. Devido à saúde frágil, sua sentença foi transformada em exílio na cidade de Kustanai, na fronteira do Cazaquistão com a Sibéria. Durante esse período, desempenhou diversas

---

<sup>1</sup> No contexto das teorias de Bakhtin, pode-se argumentar que uma forma de “poliglossia” pode ser inferida quando se considera a presença simultânea de diferentes línguas ou elementos linguísticos num discurso.

<sup>2</sup> Há uma controvérsia sobre a autoria de *Marxismo e filosofia da linguagem*. Em 2017, a editora 34 publicou uma nova tradução dessa obra, atribuindo-a apenas a Volochínov. No presente artigo, estudamos a edição da editora Hucitec, cuja autoria é atribuída a Bakhtin e a Volochínov. Entendemos que essa questão autoral é menos importante, especialmente se consideramos que o ponto de partida do Círculo de Bakhtin é, justamente, o dialogismo, conceito que destaca o fato de atividade enunciativa ser marcada pela dimensão coletiva.

funções, incluindo professor de contabilidade para empregados de fazendas coletivas e redator de verbetes de enciclopédia. Apesar das adversidades, Bakhtin continuou a trabalhar em ensaios sobre sua teoria do romance.

Em 1936, mudou-se para Saransk e, no ano seguinte, para Savelovo, onde lecionou russo e alemão até o final da Segunda Grande Guerra. Em 1940, apresentou sua tese de doutorado intitulada “Rabelais e a cultura popular”, no Instituto Gorki. Por causa da guerra, não conseguiu defendê-la. O trabalho gerou controvérsias, e em 1952, no julgamento final, o comitê decidiu negar-lhe o título de doutor. Esse trabalho, publicado em 1965, trouxe-lhe reconhecimento mundial. No entanto,

Esse conhecimento/reconhecimento tardio da obra do pensador da linguagem não impediu que seus escritos causassem grande impacto, sobretudo nos estudos da Literatura e da Linguística, que passaram a discutir e usar alguns dos conceitos cunhados pelo autor como ‘dialogismo’ ou ‘polifonia’. Os historiadores que se debruçaram sobre a história da cultura popular também acabaram por reconhecer as análises de Bakhtin como fundamentais para repensar e criticar o modo como se vinha interpretando a chamada cultura popular (Toledo, 2011, p. 103).

Bakhtin retorna a Saransk em 1945, onde passou a ensinar Literatura e a chefiar o Departamento de Estudos Literários no Instituto Pedagógico, que foi elevado a Universidade Estatal da Mordóvia, em 1957. Ele permaneceu nessas funções até 1961, quando se aposentou. Em 1969 procurou tratamento médico na região de Moscou, onde residiu até sua morte, em 1975, após uma longa enfermidade. Como se percebe pelas informações acima, Bakhtin teve uma carreira discreta, sem interesse em cargos, fama ou prestígio. Sua trajetória foi marcada por desafios e dificuldades. No entanto, sua intensa atividade de reflexão e escrita ao longo da vida o consagrou como um dos grandes pensadores do século XX.

Segundo Fiorin (2011), a obra de Bakhtin é fascinante, inovadora e rica, mas, ao mesmo tempo, complexa e difícil devido a várias razões. Em primeiro lugar, sua maneira de escrever reflete sua afiliação à tradição, que vê a realidade como diversa e heterogênea, em constante construção, em contraste com a visão monológica e estável. Bakhtin não criou uma obra didática pronta para ser ensinada; em vez disso, sua obra progressivamente explora conceitos, caracterizando-se por um inacabamento e heterogeneidade. Muitos de seus textos são literalmente inacabados, sendo manuscritos e rascunhos em constante desenvolvimento. Isso torna a compreensão de seu pensamento desafiadora.

Fiorin (2011) argumenta que essa dificuldade de compreensão é agravada pela forma como seus livros foram publicados na antiga União Soviética e no Ocidente. Há casos em que obras são atribuídas a Bakhtin, mas foram publicadas sob o nome de outros autores: *O discurso na vida e o discurso na arte* (1926); *Freudismo: um esboço crítico* (1927) e *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), assinadas por V. N. Volochínov, e *O método formal nos estudos literários* (1928), atribuída a P. N. Medvedev. Existem ainda textos que foram publicados postumamente, complicando a autenticidade e a cronologia de sua obra. Esses desafios editoriais contribuem para a complexidade na interpretação e análise do pensamento de Bakhtin.

O problema da autoria em relação a Bakhtin tornou-se evidente na década de 1970, quando, após quase três décadas de silêncio, seu nome ressurgiu no cenário acadêmico com a publicação de *Problemas da poética de Dostoievski*, em 1963, e *Rabelais e seu mundo*, em 1965. O linguista Viatcheslav V. Ivanov afirmou que o livro *Marxismo e filosofia da linguagem* era de Bakhtin e, posteriormente, atribuiu a ele a autoria de todos os textos mencionados acima, além de alguns outros. Essa atribuição de autoria trouxe complexidades à compreensão da obra de Bakhtin e à sua posição dentro da academia. Alguns sugerem que os trabalhos de Bakhtin foram publicados sob a responsabilidade de outros autores devido a razões políticas. Essa discussão sobre a autoria e as razões por trás da atribuição de trabalhos a diferentes autores ainda está em curso e não parece ter uma conclusão definitiva.

Outro problema na publicação da obra de Bakhtin é a sua não divulgação na ordem em que foi escrita. Em 1963, seu trabalho sobre Dostoievski foi publicado, seguido pelo livro sobre Rabelais em 1965. Somente após sua morte, em 1975, foi lançada sua obra sobre a teoria do romance, um volume preparado por Bakhtin, contendo textos que ele havia escrito na década de 1930. Conforme Fiorin (2011), em 1979, um trabalho com material de arquivo foi publicado. Essa falta de uma ordem cronológica na publicação das obras de Bakhtin adiciona complexidade à compreensão do desenvolvimento de suas ideias ao longo do tempo.

Bakhtin deixou uma quantidade significativa de textos manuscritos, muitos dos quais ainda estão sendo publicados até hoje. Em 1986, foi editado *Para uma filosofia do ato*, um trabalho produzido entre 1919 e 1921. Como resultado, não se tem conhecimento completo de tudo o que ele escreveu, e o material de arquivo consiste, como mencionado, em textos inacabados.

Em 1967, Júlia Kristeva, uma búlgara que estudava na França, publicou uma apresentação dos trabalhos de Bakhtin, sobre Dostoievski e Rabelais na revista *Critique*, sob o título *Bakhtin, o discurso, o diálogo, o romance*, possibilitando uma maior divulgação da obra desse autor. Em 1968, a primeira foi traduzida para o italiano, a segunda para o inglês, e em 1970 ambas foram publicadas em francês

Essa dificuldade na leitura da obra de Bakhtin deu origem a várias interpretações, surgindo diferentes “Bakhtins”. Alguns o veem como um pós-modernista, já que ele se opôs às chamadas “grandes narrativas” do final do século XIX e início do século XX, criticou o estruturalismo, a psicanálise e o formalismo, não aderiu ao existencialismo, nem ao marxismo de maneira convencional e rejeitou o coletivismo. Ele demonstrou que explicações totalizantes eram, na verdade, monológicas, levando à conclusão de que Bakhtin não foi um modernista.

Por outro lado, o acento de sua obra na alteridade, na fragmentação, na energia centrífuga, na rejeição das forças centrípetas, na carnavalização com sua luta contra a autoridade, na negação das diferenças entre cultura popular e cultura erudita, na não-hierarquia, no relativismo faz dele um ícone dos teóricos da pós-modernidade (Fiorin, 2011, p. 14).

Contudo, Bakhtin recusa um relativismo total que pode resultar em novos monologismos, como seitas totalitárias, mitos nacionais, xenofobia e fundamentalismo. Além disso, ele estranha a ideia, contrária ao seu pensamento, de encontrar virtude fora do centro da supremacia, nos excluídos, nos marginalizados. Para Bakhtin, a ação ética não pode ignorar o tempo e o lugar em que se vive.

Há também quem veja Bakhtin como um pensador interacionista, focado nas relações entre o eu e o outro. Esse “outro” não é uma entidade individual face a face, mas sim uma posição social expressa em textos. São relações dialógicas que se referem não ao diálogo cara a cara, mas sim às interações entre diferentes posições sociais manifestadas em textos.

Existe também a interpretação de Bakhtin como um pensador marxista, especialmente porque o Círculo de Bakhtin buscou desenvolver uma teoria marxista das superestruturas. No entanto, essa perspectiva é mais evidente nos livros cuja autoria é atribuída a Bakhtin do que naqueles publicados em seu nome. Além disso, uma das tarefas a que Bakhtin se propôs foi estabelecer uma *prima philosophia*, ou seja, um ponto de partida, o fundamento último, o primeiro absoluto e os princípios básicos do conhecimento humano. Para Bakhtin, o ser é um evento único, e sua filosofia primeira, o que ele chama de “arquitetura do ato” está voltada para a existência do ser humano concreto.

Adicionalmente, Bakhtin é visto como um linguista e um teórico da literatura, mas ele não desenvolveu uma teoria completa da linguagem ou dos diferentes níveis da língua, nem uma teoria literária abrangente. Diversas correntes do pensamento contemporâneo o interpretaram de diferentes maneiras, transformando-o em um precursor ilustre de visões teóricas diversas e sendo apropriado por movimentos contraditórios de ideias. “Não obstante isso, ele continua sendo um dos pensadores mais fecundos do século XX, que apresenta uma originalidade ímpar” (Fiorin, 2011, p. 15).

A contribuição primordial da obra de Bakhtin e de seu Círculo, além da filosofia da linguagem, abrange as ciências humanas, especialmente ao explorar a natureza dialógica da linguagem. Ao reconhecer o outro como uma instância de interação verbal, social e ideológica, marcada por embates, conflitos e contradições na formação do sujeito dialógico, o Círculo abre novas perspectivas na história das ideias. Ao analisar discursos sob essa concepção, as pesquisas dialogam com diversas disciplinas, proporcionando uma reflexão abrangente sobre a interação dialógica nos discursos. Daí a importância dessa abordagem teórica para a pesquisa em ciências humanas.

Ao tomar o ser expressivo e falante como objeto de estudo nas ciências humanas, parte-se do pressuposto de que a construção do conhecimento envolve dois sujeitos: o pesquisador em busca de mais conhecimento e o pesquisado, que se mostra por meio de seu discurso. De acordo com Bakhtin (2003), esse discurso se materializa em textos, os quais são considerados uma premissa para a pesquisa em ciências humanas. Assim,

estamos interessados na especificidade das ciências humanas, voltado para pensamentos, sentidos e significados dos outros, etc, realizados e dados ao pesquisador apenas sob a forma de texto. Independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida (Bakhtin, 2003, p. 308).

No texto-enunciado, o sujeito constitui sua linguagem e valida sua intenção comunicativa, fundamentando sua intenção enunciativa. No entanto, sendo social, molda seu discurso a partir do contexto social, refletindo as ideologias, valores e verdades resultantes de sua formação cultural. Ao utilizar o texto-enunciado como ponto de partida para pesquisas em ciências humanas, é preciso considerar o sujeito e o contexto que o envolve, incluindo o lugar, o momento histórico de produção, os interlocutores, as motivações, os interesses e os valores que influenciam sua expressão. A realidade que envolve o sujeito e seu discurso é revelada no texto-enunciado por ele produzido. O texto é a única realidade imediata da qual derivam

disciplinas e pensamentos, logo “onde o homem é estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências humanas” (Bakhtin, 2003, p.312). Para compreender um sujeito em pesquisa, o caminho é a linguagem, pois, ao manifestar-se para o outro, o sujeito revela sua perspectiva sobre o mundo, os outros e a compreensão da realidade.

Na pesquisa em ciências humanas, a construção do conhecimento depende do diálogo entre pesquisador e pesquisado. Essa interação exige a consciência de que as respostas obtidas são provisórias e contextualmente situadas. Além disso, é necessário compreender a natureza sensível e voluntária da participação do sujeito na pesquisa. “O pesquisador do campo das ciências humanas está, portanto, transitando no terreno das descobertas, das revelações, das tomadas de conhecimento, das comunicações, das produções de sentido entre o eu e o outro” (Souza; Albuquerque, 2012, p. 110). O encontro do pesquisador com o sujeito pesquisado, conforme Bakhtin (2003), revela uma complexa inter-relação entre dois textos-enunciados. Um é o texto que está sendo estudado e refletido, e o outro é o texto que está sendo produzido, reagindo e criando com base nas informações fornecidas. “É um encontro de dois textos – do texto pronto e do texto criado, que reage; conseqüentemente, é o encontro de dois sujeitos, de dois autores” (Bakhtin, 2003, p. 311). Essa dinâmica de interação entre os dois textos-enunciados forma uma relação dialógica de compreensão. Essa abordagem destaca a natureza interativa e dinâmica da pesquisa em ciências humanas, onde a compreensão é construída através da relação entre as diferentes perspectivas e expressões dos sujeitos envolvidos.

#### Os estudos de Bakhtin e de seu círculo

caracterizam-se, já nas primeiras décadas do século passado, como estudos em que havia uma estreita relação entre várias vertentes do conhecimento, com objetivo de pensar a linguagem, dentro de uma perspectiva das ciências humanas e não como tarefa específica de uma única disciplina (Brait, 2004, p. 185-201).

Nesse sentido, ao considerar o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso, é essencial examinar o processo de construção desses sentidos no âmbito das Ciências Humanas. A Psicologia Social contemporânea reconhece a importância do diálogo na construção do sentido do discurso. Esse campo tem explorado como as interações verbais são fundamentais para a formação de significados e identidades sociais. Os estudos dialógicos analisam como o poder e a ideologia se manifestam na linguagem, influenciando a forma como as mensagens são construídas e interpretadas. A pragmática estuda como o contexto afeta o significado das expressões linguísticas, considerando as intenções

comunicativas dos falantes e as inferências feitas pelos ouvintes. A sociolinguística explora as variações linguísticas em diferentes grupos sociais, tendo em vista como os fatores classe social, etnia, gênero, idade, entre outros, impactam a linguagem e a construção de sentidos. Portanto, ao considerar o dialogismo como um princípio fundamental da linguagem, os estudiosos podem entender melhor como os significados são formados e interpretados nas interações verbais.

O dialogismo não é apenas um modo de comunicação, mas um princípio fundamental da linguagem e da interação humana; um processo ativo e dinâmico, no qual as vozes se encontram em uma relação viva e criativa.

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda vida da linguagem, qualquer que seja seu campo de emprego, está impregnada de relações dialógicas (Bakhtin, 2010, p. 209).

O dialogismo, portanto, reflete a natureza dinâmica da linguagem, que permanece viva nas reproduções discursivas, especialmente nas relações entre o eu e o outro nos processos discursivos historicamente estabelecidos pelos sujeitos. Segundo Brait (2005), esses sujeitos são instaurados e instauram-se por meio desses discursos. Ao examinar o sujeito e seu texto-enunciado em uma pesquisa, é fundamental considerar o discurso como impregnado de outras vozes que nele se instauram e se reenunciam. Do mesmo modo, o texto-enunciado produzido pelo pesquisador é sustentado por outras vozes e discursos. Essas vozes, ao se projetarem no novo contexto enunciativo, provocam efeitos de sentido que são validados por meio de sua reenunciação. O autor-pesquisador, ao escrever seu texto de pesquisa, seja uma tese, uma dissertação, um artigo científico, entre outros, incorpora a palavra do outro de diferentes maneiras, seja por meio de citação direta, pela reelaboração (citação indireta, paráfrase) ou pela absorção, integrando-a de tal forma em seu discurso que passa a ser parte integrante deste. São diferentes vozes e discursos que dialogam e se entrelaçam para formar um novo significado, promovendo assim a intertextualidade, que deve ser inerente à pesquisa acadêmica.

O princípio dialógico destaca a alteridade como aquilo que constitui o ser humano e seus discursos. Reconhecer a dialogia implica aceitar e valorizar a diferença, uma vez que é a palavra do outro que nos faz acessar e compreender o mundo exterior.

Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras dos outros. [Elas] introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. [...] Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, [...] descobriremos as palavras do

outro ocultas ou semiocultas, e com graus diferentes de alteridade (Bakhtin; Volochínov, 2010, p. 314-318).

A palavra possui uma natureza ideológica e é capaz de moldar nossa compreensão do mundo. Ela não apenas descreve a realidade objetiva, mas também a interpreta de maneiras variadas, dependendo do contexto, das crenças e valores do falante, e das intenções comunicativas. Toda palavra “se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória” (Bakhtin; Volochínov, 2010, p. 66). Textos e discursos não são somente veículos neutros de comunicação, aliás, são construções carregadas de perspectivas, pontos de vista e interpretações. Cada autor os produz a partir de uma posição ideológica, influenciando como interpretam e apresentam a realidade. Nesse contexto, a linguagem não é apenas um conjunto de palavras e regras, mas também uma ação intersubjetiva e uma prática social. Ela reflete e molda nossas interações sociais, nossas crenças e valores, e é fundamental para dar sentido ao mundo ao nosso redor. À medida que novas informações e perspectivas são adicionadas ao nosso conhecimento, elas interagem com nosso acervo existente de referências, influenciando e sendo influenciadas por ele. Esse entendimento da linguagem como uma prática social e a produção de sentido como um processo complexo e dinâmico são fundamentais para a compreensão da comunicação humana e da construção do conhecimento.

A partir dessas considerações, podemos perceber, sob o ponto de vista dialético e dialógico de Bakhtin, que a palavra não é uma forma abstrata da língua à espera de um falante que a empregue individualmente, atualizando seu sentido e devolvendo-a para o fluxo contínuo da linguagem. Segundo o teórico russo, a palavra é sempre interindividual e reúne vozes de todos aqueles que a utilizam ou a têm utilizado historicamente. Ela é indissociável do discurso (Bagatini, 2018, p.199).

Ao adotarmos essa perspectiva teórica como premissa para pesquisas em ciências humanas, devemos considerar que os textos-enunciados estão inseridos em um gênero discursivo que corresponde ao campo de atividade humana em que são produzidos. Além da dimensão social, há uma dimensão verbal do texto-enunciado, e o olhar do pesquisador deve voltar-se para o estudo dos elementos constituintes desse gênero discursivo.

Bakhtin (2003) enfatiza a relevância de reconhecer a natureza do texto-enunciado no estudo da língua e a interconexão entre linguagem e prática social, sublinhando que os textos não são isolados, mas sim parte de um contexto mais amplo que influencia sua forma e

significado. “O processo de materialização das enunciações se dá por meio da palavra” (Bagatini, 2018, p. 197). Essa materialização é influenciada pelo contexto social, cultural e histórico em que ocorre. As palavras não têm um significado fixo e acabado por si mesmas, mas são moldadas e significadas a partir do contexto das interações sociais. Os significados vão sendo construídos e negociados na interação verbal entre os falantes. A língua é social, mutável heterogênea, ideológica e construída por meio das interações interpessoais. É por meio dessas interações que os indivíduos constroem suas identidades, negociam significados e participam da construção social do conhecimento. As enunciações, ou expressões linguísticas específicas, só podem ser compreendidas plenamente quando são consideradas dentro do contexto das interações sociais em que ocorrem. Logo, é imperioso compreender a língua considerando os aspectos sociais e ideológicos que a constituem.

O enunciado é marcado por posicionamentos ideológicos, portanto ele não pode ser repetido e reiterado. Conforme Bakhtin (2003) o enunciado está impregnado de ecos e lembranças de outros, e sendo ele uma resposta a enunciados anteriores, é preciso pensar, portanto, a alteridade na definição do Homem, isto é, para a sua concepção o outro torna-se imprescindível, dada a impossibilidade de se pensar o ser humano isolado das relações que o vinculam ao outro. Para Bakhtin (2003, p. 35-36), “a alteridade define o ser humano, pois o outro é indispensável para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro”.

O enunciado apresenta um autor, possui um todo de sentido, é dirigido a outrem com a finalidade de interação, é formado a partir da relação com o interlocutor e os outros enunciados, portanto é dialógico, e embora as diversas vozes que o compõem nem sempre se revelem de forma clara, é construído sócio historicamente nos diferentes campos da atividade humana, em situações reais de uso da língua. De acordo com a teoria bakhtiniana, a apropriação do discurso só ocorre quando o sujeito recria, reinterpreta, reconstrói a ideia alheia. Essa apropriação se dá através do uso da língua.

Por essa perspectiva teórica, a língua vive e evolui na comunicação verbal concreta e não no sistema abstrato das formas do sistema linguístico, tampouco no psiquismo individual dos falantes.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico da sua produção, mas pelo fenômeno social da interação

verbal, realizada através da enunciação ou enunciações. (Bakhtin, 2010, p. 123).

A língua é inerente à comunicação verbal, ou seja, não é um instrumento acabado, mas está em permanente constituição. As interações possuem um o papel central na constituição da língua e da consciência. Nessa perspectiva, a consciência individual e a língua são inseparáveis e são moldadas pelas interações sociais e pelos signos que são utilizados nessas interações. Língua e linguagem devem ser consideradas como fenômeno social e ideológico complexo, enraizado nas interações sociais e culturais dos falantes.

A partir de um ponto de vista sociológico e ideológico, Bakhtin e Volochínov (2010) fazem rigorosas críticas às duas tradições do pensamento linguístico vigentes em seu tempo; o subjetivismo idealista<sup>3</sup> e o objetivismo abstrato<sup>4</sup>. As críticas feitas centram-se principalmente na incapacidade dessas duas correntes do pensamento linguístico de perceber a realidade dinâmica, heterogênea e dialógica da linguagem, porque adotam uma posição incompatível com a natureza social e histórica da língua.

Ao considerar que só o sistema linguístico pode dar conta dos fatos da língua, o objetivismo abstrato rejeita a enunciação, o ato de fala como sendo individual. Como dissemos, é esse o *proton pseudos*, a “primeira mentira”, do objetivismo abstrato. O subjetivismo idealista, ao contrário, só leva em consideração a fala. Mas ele também considera o ato de fala como individual e é por isso que tenta explicá-lo a partir das condições de vida psíquica individual do sujeito falante. E esse é seu *proton pseudos* (Bakhtin; Volochínov, 2010, p. 113, grifos dos autores).

Pelo viés teórico bakhtiniano, a língua não é vista como algo estático e formal, como um sistema linguístico abstrato ou uma estrutura invariante. Pelo contrário, ela vive e evolui nas práticas de comunicação verbal concretas, ou seja, nas interações reais entre as pessoas em contextos sociais e culturais específicos. É profundamente dialógica, enredada em um processo interativo e dinâmico, e é impossível compreendê-la adequadamente sem levar em consideração a diversidade de vozes, perspectivas e interações sociais que a constituem.

Sendo a língua fundamentalmente social, a compreensão da linguagem deve levar em consideração aquilo que é central e constitutivo da língua, a interação verbal. “A interação

---

<sup>3</sup> Perspectiva que enfatiza a criação individual na linguagem, considerando o ato da fala como o fundamento da língua em sua totalidade.

<sup>4</sup> Corrente que se alinha a uma visão individualista da linguagem, na qual a língua é vista como um processo que se situa na mente do falante e que emerge de sua consciência individual.

verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (Bakhtin; Volochínov, 2010 p. 123). Evidenciada como categoria essencial da concepção bakhtiniana de linguagem, a característica básica da interação verbal é seu caráter dialógico. Essas interações verbais não são apenas trocas de palavras, mas também de significados, intenções, valores e perspectivas. No discurso da pesquisa em ciências humanas, sobrepuja os aspectos linguísticos, envolve elementos que incluem a situação comunicativa, o contexto histórico-social, as condições específicas de produção e os papéis sociais desempenhados pelos interlocutores. Assim, o discurso não é apenas uma expressão individual, mas uma prática social que é moldada pelas circunstâncias e pelos elementos contextuais.

Se a linguagem reflete e influencia as dinâmicas sociais, em seu caráter dialógico ela pode proporcionar uma compreensão mais profunda nas pesquisas em ciências humanas. Ao refletir um diálogo dinâmico, vivo e tenso com a vida que permeia o conhecimento, a abordagem teórica de Bakhtin e do Círculo pode possibilitar aos pesquisadores uma contribuição multidisciplinar, aplicável às diversas áreas interessadas na linguagem, no discurso e na palavra.

Sendo a tarefa do pesquisador se ater à verdade, cabe-lhe persegui-la, mesmo reconhecendo a impossibilidade de alcançá-la em sua plenitude. Seu compromisso deve ser com a densidade e a profundidade do que é possível ser revelado na pesquisa, e para essa tarefa é necessário que os coautores se comprometam na incessante busca de sentidos para a condição humana. Essa busca é de livre escolha do pesquisador. Cabe a ele ir ao encontro de estratégias metodológicas que deem conta da dimensão de liberdade. Essa dimensão pode ser a principal garantia para nos mantermos, como pesquisadores, fiéis à especificidade das ciências que estudam o homem e seu permanente devir.

### **Considerações**

O presente artigo propôs inicialmente historicizar a vida e obra de Bakhtin, não apenas para contextualizar a teoria, mas também para explorar as nuances propostas em suas obras, enriquecendo a compreensão da metodologia de estudo da língua. Diante da apresentação de conceitos da perspectiva bakhtiniana como pressupostos teóricos-metodológicos para a pesquisa em educação, torna-se evidente o impacto significativo dessa abordagem na compreensão das interações humanas por meio da linguagem. Sendo a linguagem de natureza

dialógica e inseparável do contexto sócio-histórico-cultural, a análise discursiva é essencial para desvelar as complexas relações entre o uso da linguagem, ideologia e contexto, proporcionando uma compreensão mais profunda das interações humanas. Assim, ajuda a compreender como o poder, a ideologia e diversos fatores sociais influenciam a linguagem e a construção de sentidos.

Ao refletir sobre a construção de uma epistemologia em ciências humanas, respaldada pela filosofia da linguagem de Bakhtin, o artigo destaca a centralidade do ser expressivo e falante como objeto de estudo nas ciências humanas. A infinitude do sentido e do significado desse ser ressalta a importância de direcionar a atenção ao sujeito que, por meio de textos-enunciados, revela-se em um constante processo de interação social e de construção do conhecimento de forma dialógica e alteritária. Essa dinâmica pressupõe o encontro significativo entre o pesquisador e o outro, e a compreensão complexa e profunda dessa relação eu-outro. No contexto da pesquisa, a alteridade vai além da simples consciência da existência do interlocutor e do reconhecimento das diferenças, ela incorpora a experiência de se sentir estrangeiro e, ao mesmo tempo, de pertencer a um espaço compartilhado.

Esse pressuposto teórico não só reconhece a natureza inacabada do conhecimento, mas também questiona a fragilidade de teorias que aspiram representar de maneira abstrata a totalidade da experiência humana no mundo. Aqui, a alteridade não é apenas uma condição, mas um processo dinâmico que ressalta a natureza em constante evolução do entendimento. Essa perspectiva dialógica, vai ao encontro da ideia de que o mundo conhecido teoricamente não representa o mundo como um todo, mas apenas um fragmento provisório da realidade que se almeja compreender.

Em síntese, este artigo não buscou mostrar uma nova teoria, ao contrário, apresentou uma postura dialógica diante do corpus discursivo, da metodologia e do pesquisador, que compreende a linguagem como um fenômeno vivo e dinâmico, bem como a importância da análise discursiva como abordagem capaz de oferecer uma compreensão sobre a complexidade das interações sociais. Ao entender o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem, os pesquisadores em ciências humanas têm a oportunidade de explorar e compreender a complexidade da experiência humana de maneira mais profunda e contextualizada, contribuindo para uma abordagem mais rica e reflexiva no estudo do ser expressivo e falante.

## Referências

BAGATINI, Vera Lúcia Cardozo; ROSTAS, Márcia Helena Sauaia Guimarães. Sala de aula: por um enfoque dialógico no trabalho com a leitura de enunciados no gênero prova.

**REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, Inhumas, v. 10, n. 1, p.193-2012, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Fraterschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BRAIT, Beth. Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 185-201, 2004. Disponível em: <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r60.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. *In*: BRAIT, B **dialogismo e construção do sentido**. 2.ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 87-98.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo – As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.

SOUZA, Solange Jobim; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 109-122, jul./dez. 2012.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Mikhail Bakhtin: itinerário de formação, linguagem e política. *In*: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Pensadores sociais e História da Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 103-124.